

PROJETO DE LEI Nº , DE 2018

(Do Sr. VENEZIANO VITAL DO RÊGO)

Atribui aos corais da Amazônia a condição de Área de Preservação Permanente.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Os corais da Amazônia, localizados no litoral do Pará e do Amapá, são considerados Área de Preservação Permanente, nos termos do art. 3º, inciso II, da Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012.

Art. 2º Ficam proibidas quaisquer atividades que possam causar dano aos corais da Amazônia.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A cada segundo, o rio Amazonas, o maior do planeta, despeja no mar 200 mil metros cúbicos de água, 60 vezes a vazão do rio Nilo. Toda essa água penetra oceano adentro por até 400 km, formando uma pluma de água doce, rica em sedimentos, com até 25 metros de espessura. Ela bloqueia a maior parte da luz do Sol, deixando a região abaixo numa penumbra, que, em alguns locais, recebe apenas 2% da luminosidade normal. Seria um dos últimos lugares do mundo em que se esperaria encontrar um recife de corais. Mas foi exatamente o que aconteceu em 2016, quando foram descobertos os corais da foz do rio Amazonas.

Os corais em questão ocorrem em profundidades que variam de 30 a 120 metros abaixo do nível do mar e cobrem uma área de 56 mil km², equivalente ao Estado da Paraíba. Portanto, é o maior recife do Brasil e um dos

maiores do mundo. A existência nessas condições faz dos corais da Amazônia um ambiente com características únicas em todo o planeta. Até então, os livros diziam que corais não cresciam perto da foz de grandes rios, onde a água doce chega ao mar carregada de lama, é mais escura e impede a entrada da luz.

Os primeiros indícios de que poderia haver um recife na Bacia da Foz do Amazonas – que vai de Belém, passa pela costa da Ilha de Marajó e chega ao Amapá – datam de maio de 1975. Naquele mês, o navio americano Oregon II passou pela região num cruzeiro científico, com o objetivo de avaliar os estoques de camarão naquelas águas. O que suas redes encontraram, no entanto, foram esponjas, lagostas e peixes, como o pargo, que não deveriam viver ali, pois são típicos de recifes. O achado foi divulgado num simpósio realizado em 1977, nos Estados Unidos.

Em 2012, outro navio científico americano realizou uma expedição à região com o objetivo de estudar as propriedades físico-químicas da pluma do Amazonas. A embarcação levava a bordo o pesquisador brasileiro Rodrigo Leão de Moura, que coletou uma quantidade significativa de esponjas coloridas, corais e peixes.

Para confirmar – ou não – a existência do recife foi organizada, em 2014, uma terceira expedição à Bacia da Foz do Amazonas. Com 11 pesquisadores a bordo, o navio Cruzeiro do Sul, da Marinha do Brasil, zarpou de Belém rumo ao Oceano Atlântico em setembro. O resultado do trabalho foi divulgado num artigo publicado na revista Science Advances, em abril de 2016. Foram registradas 61 espécies de esponjas e 73 de peixes recifais, além de vários tipos de algas calcárias, responsáveis pela construção da base da estrutura, os rodólitos. A estimativa foi de que o recife tinha 9.500 km².

Entre janeiro e fevereiro do ano passado, o Greenpeace organizou a sua primeira expedição à Bacia da Foz do Amazonas para conhecer melhor o recife. Os pesquisadores percorreram as regiões sul e central do recife e fizeram as primeiras imagens com o uso de veículo operado remotamente (ROV, na sigla em inglês), uma espécie de robô submarino. A principal descoberta do trabalho, publicado em abril na revista científica

Frontiers in Marine Science, foi de que o recife cobre uma área seis vezes maior do que se estimava anteriormente.

Uma das características mais marcantes dos corais da Amazônia é sua rica biodiversidade. Isso vale tanto para os organismos que formam o recife (esponjas-do-mar, rodólitos e corais) quanto para os peixes e outras espécies que circulam pela região e têm no recife um importante local para se abrigar, se alimentar e se reproduzir. Existem ali pelo menos 40 espécies diferentes de corais, como corais-negros e corais-moles. Sobre as esponjas-do-mar são pelo menos 60 espécies, algumas delas com até 2 metros de altura! E, dessas 60, é possível que 29 sejam totalmente desconhecidas pela ciência. Cientistas estão estudando as bactérias encontradas na água e nos Corais. É possível que ali existam novas espécies que podem, inclusive, ser usadas na fabricação de remédios. Por isso, os cientistas estão chamando os Corais da Amazônia de “farmácia submarina”.

O recife muda de características conforme a maior ou menor presença da água do rio ao longo de sua extensão. No setor norte (próximo à Guiana Francesa), há maior concentração de sedimentos oriundos do rio Amazonas e menos luz no fundo do mar. É a região de menor biodiversidade — e, ainda assim, é amplamente povoada por esponjas. Já no setor sul (próximo ao Maranhão), onde os sedimentos quase não chegam, a paisagem submarina é mais parecida com a de outros recifes tradicionais do Nordeste: predominam os corais e as algas moles, que fazem fotossíntese.

Para os cientistas, os corais da Amazônia podem funcionar como um corredor de conectividade entre duas grandes regiões: Caribe e Brasil. Até então, acreditava-se que o rio Amazonas, pelo gigantesco volume de água doce que despeja no mar, funcionasse como uma barreira geográfica. O recife pode significar um elo. Foram encontrados ali tanto espécies de peixes que são originários do sul do oceano Atlântico quanto do Caribe.

A possibilidade de exploração de petróleo na área ameaça a conservação dos corais. Em 2013, blocos para exploração de petróleo foram leiloados na Bacia da Foz do Amazonas pela ANP, Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. A empresa francesa Total, que

adquiriu blocos à época, é a mais adiantada no processo de licenciamento junto ao Ibama. A empresa inglesa BP também planeja explorar petróleo na região. Em 2019, o governo brasileiro pretende leiloar novos blocos de exploração na área.

Com as fortes correntes que existem no mar da região, um derramamento de óleo nas plataformas de petróleo situadas no Brasil causaria danos irreparáveis aos corais e poderia atingir e danificar, inclusive, o recife na porção da Guiana Francesa.

Com o propósito de assegurar a conservação desse inestimável patrimônio natural brasileiro, estamos propondo que os corais da Amazônia sejam considerados Área de Preservação Permanente, proibidas quaisquer atividades que possam colocar em risco sua integridade. Dada a relevância da matéria, esperamos poder contar com o apoio dos nossos ilustres pares nesta Casa para sua célere aprovação.

Sala das Sessões, em de de 2018.

Deputado VENEZIANO VITAL DO RÊGO